

1898



Grênça & Letras

PUBLICAÇÃO MENSAL

4.^a SERIE

N.^o II

DIRECTOR

P.^o Antonio Hermans

Assignatura: Quinhentos reis por anno

SUMARIO

Em Santa Lucia (Jiboca), por R. F. Fontinha —
Do madrugada, por José Maria Anta —
Linha, por Rodrigo Moreira — A primeira com-
munião, por Agostinho de Almeida — A voca-
ção, por Padre Antonio Hermans — Letra,
por Antunes.

REDACÇÃO
COLLEGO DE S. CAMARGO
GUIMARÃES

No Collegio de S. Dámaso



Este anno lectivo matricularam-se pela primeira vez os seguintes collegiaes: — Firmino Pacheco Dias de Freitas, Manoel Francisco Coelho, Bento Esteves Roma, José de Castro Lemos, Antonio Vieira de Sequeiros, Luiz Barreiros, Aventino Lopes Leite de Faria, Manoel Lopes da Cunha, Manoel Vieira de Sequeiros, José Mendes da Cunha, José Domingos dos Santos, Rodrigo de Castro Lopes Sampaio, Tito Livio Lopes, Arthur Armando de Faria Azevedo, Carlos Alves Rodrigues, Antonio José de Castro Lopes Sampaio, Antonio Bomfim Barreiros, Fernando Augusto Alves Rodrigues, José Antonio de Faria Azevedo, Alfredo Monteiro Borges d'Araujo, Fernando Alves da Rocha, Agostinho Alves da Rocha, João Baptista de Freitas Ribeiro, José Augusto Fernandes de Macedo, Manoel Dias Alves Pimenta, Benjamin Antunes, Flavio Pimentel, João José Antunes, Adelino da Conceição Dias, Alvaro de Faria Machado Pinto Rubi Miranda Pereira, Aurelio Julio da Costa e Silva, José Julio Botelho da Costa e Silva, José Bomfim Barreiros, Adolpho Martins Barbosa, Sabino Carvalho Pinheiro de Lacerda, Antonio Teixeira da Rocha Pinheiro, Albano Ribeiro de Freitas, Arnaldo Teixeira da Rocha Pinheiro, Luiz Maria d'Oliveira Nascimento, Salvador Joaquim Dias, Joaquim Affonso Pelicano Sanches Veiga, Marcos

Eusebio Pelicano Sanches Veiga, Americo de Carvalho Pinheiro L., Avelino de Castro Lopes Sampaio, A. Tubão Abreu, Antonio Augusto de Magalhães Feijó, Luiz d'Araujo Franqueira, G. A. Pereira Guimarães, José de Castro Meirelles, Domingos Macedo. — 50.



Os alumnos que em OUTUBRO obtiveram melhores classificações, foram: — em *comportamento*, Carneiro Leão, Maltez, Roma, J. Peixoto, Luiz Barreiros, Aventino, Gonçalo Faria, Alfredo Monteiro, Domingos Santos, José Lemos, Alvaro Lemos, Amandio, Amadeu, Cruz, Antonio Barreiros, J. Azevedo, Arthur Peixoto, Pinheiro, Borges Araujo, Manoel Azevedo, Alves da Silva, Santiago, Arnaldo Lopes, J. Balthasar, Manoel Cunha, Machados, Joaquim Telles, H. Miranda, J. Barreiros, E. Almeida, Forte, A. Pimenta, Sampaio e Castro, Emilio Mendes, J. Oliveira B., Aguilar, Macedo. *Aulas* — Carneiro Leão, Adolpho Cunha, Luiz Barreiros, Alfredo Monteiro, Ventura, Amandio Freitas, Antonio Barreiros, Alves Pinheiro, Arnaldo Lopes, José Barreiros, Guedes d'Oliveira, Alfredo Guimarães, Sampaio e Castro, Emilio Mendes.



Procedeu-se á eleição da mesa da sympathica Associação de S. Luiz e Santo Antonio. Ficou assim constituida: EFFECTIVOS — *Presidente*,

Padre Agostinho Antunes d'Azevedo; *Vice-Presidente*, Henrique Manoel de Miranda; *Secretario*, Gaspar A. Pereira Guimarães; *Thesoureiro*, Arnaldo Eugenio Lopes. **SUBSTITUTOS** — *Presidente*, Padre Hermano Amandio; *Vice-Presidente*, Tito Livio Lopes, *Secretario*, Augusto Ribeiro da Silva; *Thesoureiro*, Amilcar Barca Martins da Cruz.

O nosso voto é que os recém-eleitos deem á Associação mais um anno de vida prospera e brilhante.



O dia 11 de dezembro será de festa para o collegio pois que é dia do seu patrono S. Damaso, o pontifice illustre de que Guimarães se orgulha. O melhor da festa será, creio eu, a sessão litteraria e musical que a Associação de S. Luiz organisará. Contaremos o que houver.



Crença & Letras

A serie corrente termina com o proximo n.º 12. Com este será distribuida uma capa para brochura do volume.

— Aos senhores assignantes em divida, pedimos o favor de mandarem satisfazer a pequena quota d'assignatura.

— Terminada a serie, ficam á venda na redacção, exemplares brochados, da serie de 1898, ao preço de 600 reis.

— Para a serie de 1899 a CRENÇA & LETRAS espera continuar a merecer o auxilio de seus collaboradores e assignantes.

Em Santa Luzia

(ESBOÇO)



MANHÃ serena. Lá em baixo, na cidade, ouvem-se, em animosa freima, os fluxos e refluxos da vida. Nos valles proximos erguem-se graciosamente espessas e alvas franjas de nebrina. Sobre os flancos do grande mar correm, ligeiras como alvéolas, enormes barcas de pesca, com suas azas bojudas, que uma leve viração enfuna.

Dentro da grande doka descansam algumas escunas, formando com as gaveas um pequeno arvoredo nu. No Lima palpita com indolencia a bandeira branca da canhoneira, em torno da qual se posta reverente uma chusma de *maceirinhas*.

Soberbo espectaculo!

Fico indeciso sobre o que mais deva admirar: — se a magnificencia do oceano, sempre iracundo e tumente, se a suavidade do rio, onde se espelha o sol com meiguice, se o tom mysterioso das espaldas, onde se esbatem as sombras em arabescos. Ora me lembra a magestade de Shakspeare, ora a ter

nura de Milton. Penso nas odes soberbas de Pindaro e nas flores mimosas de Anacreonte. Ora se rasgam as orbitas na contemplação do grandioso, ora se enlanguescem á vista do que é só doçura. Agora salta-me o peito em dilatações e contracções nervosas, logo adormece como uma creança em sonhos côr de rosa.

Ouve-se ao longe o chinar dos carros e mais perto os picos dos pedreiros lascando o granito. Por entre os giestaes d'uma côr verde-escura segue a estrada em torcicollos, como uma cobra por entre a gramma das campinas.

Este panorama embriaga; esta solidão extasia. O espirito esvoaça por ahi alem até ás regiões do infinito; o peito singra os espaços para se enlevar nos paramos da crença; o coração regorgita d'amor, estua de felicidade e alcandora-se ás sublimidades do ceu. Eloquentes painel para a meditação!

Onde a natureza se ostenta mais bella, ahi levanta a Fé os seus arraiaes mais valorosos. Aqui um templo soberbo, ali um santuario magestoso, alem uma branca ermida, mais ao longe uma cruz musgosa. E não sei porque, mas é certo que o homem, n'estes ermos, concentra-se mais profundamente; faz abstracção de tudo o mais, para exclusivamente pensar em Deus.

Pela primeira vez que aqui subo, levo na alma impressões que se não apagam. Ajoelhei-me aos pés do pedestal que sustenta a estatua do Coração de Jesus, inaugurada no passado agosto, e, a despeito de quanto ahi se tem dito em desabono d'este trabalho, atrevo-me a confessar que me agradou mui-

tissimo. Aquelle rosto, macilento e melancholico, parece fitar os homens com ternura; aquella mão esquerda, n'uma posição de quem chama, parece fallar; a direita, afastando a tunica para mostrar o coração, é a chave preciosa que abre um escriptorio d'amor.

Na sua inauguração, houve uma voz qualquer, que murmurou: — «E' horrivel! Retire-se d'ali!» E, como uma corrente electrica, todos repetiram: «Retire-se!» «Aqui d'el-rei que não é bonita, por ser em preto!» — diziam uns (1). «A posição das mãos é plagiada» — affirmavam outros. «Está demasiadamente inclinada» — barafustavam todos.

Com certeza eu sou um barbaro em pontos de gosto, mas é exactamente essa inclinação que mais me agrada. Estivesse erecta, e não teria experimentado o fluido do seu olhar terno, reflectindo-se no meu...

Sem querer, comtudo, de modo algum intrometter-me em questões esteticas, para o que não tenho conhecimentos, limito-me a deixar aqui bem clara a minha impressão, toda subjectiva, toda pessoal, sem peias á opinião alheia.

Mas... o tempo voa e o sol aperta. Sou obrigado a deixar esta tão aprasivel estancia que ha dois annos o conde d'Ormesson classificou entre as primeiras que tem visto.

Vianna, 17 — XI — 98.

R. F. Fontinha.

(1) Pois se ella é de bronze!...

De madrugada



Fugindo vão, do claro firmamento,
As estrellas errantes, peregrinas,
É a pastora das cerulas campinas
Segue, no encaço, o prateado armento,

Emquanto esmalta o céo, que é todo argento,
D'orvalho ethereo, em gottas cristallinas,
O malmequer e as languidas boninas,
Que no doce licor têm grato alento.

Assim as illusões me vão fugindo,
É esta memoria minha, esta lembrança,
Que de vista as não perde, as vae seguindo,

Emquanto na minh'alma — flor pendida —
Destilla o céo aljofares d'esp'rança,
Dando-lhe novo alento e doce vida.

José Maria Ançã.



Latinos



PARECERÁ que estamos de volta aos tempos ominosos em que as infinitas hordas germanicas e slavas caíram, como uma temerosa maldição de Deus, sobre o corrompido mundo romano e o esmagaram e desfibraram ferinamente.

Os omnipotentes despotas da politica pregam aos quatro rumos a decadencia final dos povos latinos.

São uivos de hyenas que um saque opimo açula e agúa.

A Hespanha já lhes caiu nas garras d'aço e ahí ficou desmembrada, semi-morta.

A França abate o seu glorioso pendão deante da ameaça ingleza.

A Italia é nulla como potencia militar desde as desprestigiadoras derrotas na Abyssinia.

Portugal, o malfadado, parece estar sendo jogado como pela entre as ambições immensas dos anglos e dos teutões.

Declinou, não ha duvida, a estrella radiante

da grande e pujante raça, que fez a civilização moderna, da raça forte e temeraria que abriu os mares e trouxe ao convívio das sociedades cultas a Africa e a America, a Asia e a Oceania.

Vae caída, é certo, a genial alma latina, que triumphou dos barbaros christianisando-os, que gerou a Renascença esplendida, que salvou a Europa do perigo do Islamismo e da invasão turca, que fez o imperio de Carlos Magno e de Carlos v e de Luiz XIV.

E' certo; com a fé, perdeu a força a prodigiosa raça latina, merecedora das bençãos do mundo inteiro.

Mas, o que é nefando, é que decline para a ruina a impulsos brutaes d'essas frias gentes do norte, que tanto lhe devem.

O que é impudente é que os povos mais nobres sejam feridos contra todos os dictames da honra e do sentimento, contra as claras prescripções do direito, só pela clava infame da força, e não haja appelação para um tribunal mais humano e mais sereno do que a voz rouca dos canhões.

Na verdade, ver a civilização ao termo d'um seculo esplendido de laboração intellectual, diademar-se de baterias formidaveis, de potencia destruidora, é de a gente reeditar a velha blasphemia de Bruto e de crêr convictamente, que os melhores brilhos d'esta presumida civilização, não são mais que uma magnificente mascarada truanesca.

Rodrigo Moreno.

A primeira communhão



No crepusculo da vida, ao caír das primeiras trevas da velhice, quando o sangue se géla nas veias e o espirito se esbate num vago desalento, o homem sente-se rejuvenescer das saudades da infancia e enflorar-se das illusões da mocidade.

Para poupar á myopia da memoria já gasta, é justo, que se vá desde já, inventariando os jubilos e pezares que deixaram impressões mais ou menos vividas dos sorrisos ou sulcos mais ou menos profundos das lagrimas. E entre as datas mais hilariantes do meu calendario intimo, resalta uma, rutilante como uma estrella que me tem banhado com o seu benefico influxo e me orienta, ainda, meiga e cariciosa, como fada amiga — a minha primeira communhão.

Reavivemos esse quadro.

Cedo, muito cedo me mergulharam na tina da instrucção, d'onde me queriam tirar invulneral para as luctas da sciencia, madrugando-me assim a

inclinação para a leitura que mais tarde degenerou em paixão. O mestre, que accumulava a profissão magistral á missão pastoral, era bom; traduziu literalmente o *docete* evangelico no traslado do seu viver, bafejando-nos na Igreja com o baptismo da fé e orvalhando-nos na Escola com o baptismo da instrucção.

Ali dentro senti o despontar do botão da minha intelligencia e o emplumar da avesita da minha crença aos tepidos osculos d'uma educação litteraria, pautada pelas doces ternuras d'uma religião amoravel. Velejava, por assim dizer em mar de leite, a todo o panno d'uma felicidade serena e despreoccupada tendo por bussola o coração d'uma mãe e a razão d'um pae.

De saca a tiracolo, caminho da escola, exercitava travessuras de fundibulario que punham em grave risco a immuidade das cabeças dos meus companheiros e dava-me a pêrros, ás vezes, para me furtar ás aventureiras correrias dos collegas que se iam pelos campos fóra a expandir a sua ruidosa alegria com grande prejuizo da fructa dos circunvisinhos.

Tudo eram sonhos côr de rosa, illusões côr d'ouro.

Chegára, porém, o dia marcado para o juramento de bandeira na legião catholica — a minha iniciação na Religião da Cruz.

Lembra-me como se fôra hoje. Dia solemne mas penetrado d'uma tal simplicidade mystica, que parece colhido d'aquella poesia de mysterio que revestia, a investidura dos primeiros christãos.

Foi na minha terra natal — uma aldeia á beira mar, perdida entre pinheiraes e pousada numa clareira de campinas luxuriantes de verduras.

As casas, umas morenas do arranhar dos annos, outras alvas como pombas, abrindo suas narinas fumegantes, aconchegam-se como timidas á volta d'uma Igreja modesta mas branca como uma noiva, ladeada d'uma torre elegante e bem lançada, pondo uma nota viva de bucolismo na paisagem monotona da aldeia. Era dia de labuta no campo. Na Igreja pesava uma desolação de catacumba; a luz velada num doce esbatimento de penumbra convidava o espirito á concentração. Estavamos dous, eu e o anjo que me ia *apresentar no templo* — minha mãe. Faltava o sacerdote; não se fez esperar. Os seus passos sobre o pavimento despertaram uns echos sonoros e prolongados. Ajoelhei a seus pés; sentia, porém, uma oppressão sobre o peito, eram as garras dos remorsos a atenuar-me o coração, as palavras saíam-me entrecortadas, um nó na garganta tolhia-me a fala. Emfim respirei desafogado, senti-me outro; é que pela primeira vez na vida prelibava a verdadeira felicidade — a tranquillidade de consciencia.

O sacerdote subiu ao altar e sobre elle fez baixar o Cordeiro humanado e depois de me ungir com a absolvição, desceu as escadas do altar e com a hostia purissima entre os dedos fez-me curvar a cabeça deante do meu anjo da guarda que me abençoou envolvendo-me um doce olhar de bondade e perdão. Então, em pacto de alliança como que sellando este, gravei-lhe sobre as mãos de jaspe

um osculo de gratidão em que concentrei todas as effusões do meu coração. Foi assim que eu purifiquei os labios para a recepção da particula eucharistica. Por isso, á poetica relembração da primeira communhão anda ligada como fada bemfazeja a memoria saudosa de minha mãe. Por isso, a sua imagem querida me bailava deante dos olhos quando pela primeira vez meus labios consagrados pronunciaram a magica formula da consagração.

S. Damaso 18 de novembro.

Agostinho de Azevedo



À vocação



CADA qual vem á luz da vida timbrado com uma vocação característica. Cada um tem sua inclinação para uma certa linha de actividade. Esse é o seu norte.

A uns lhes sorriem os brilhantes galões da milicia, outros dariam-se bem com os azares do mar; estes scismam nas altivolas glorias literarias, aquelles namoram os altos cargos publicos; não falta quem prefira os augustos sacrificios do sacerdocio e quem seja creado para o cultivo da maga belleza em qualquer departamento das artes, emquanto outros de boa mente se votariam á vida agricola. . .

Existe pois a vocação. Palpita ella na actividade de cada um.

Perante tal facto qual a missão dos educadores e dos paes?

Cumpre-lhes, creio, espiar com attenção, ir em pós a alma juvenil com o fito de estudar, calcular, induzir e, por fim, colher em evidencia a vocação

procurada. Na acção, no dizer, no sentir, no caracter, mesmamente no organismo, em tudo, haverá, não raro, um *quid* revelador da congenita inclinação. Não se requererá um grande milagre de astucia ou de talento para desvendar a incognita e pôr em foco o segredo. Felizmente o caso não tem o negrume dos hyeroglyphos. A juventude é de tão candida ingenuidade, que, em toda a gamma do seu viver, manifesta o que é, nitidamente. E então, quando vem a experiencia com a copia de seus ensinamentos aclarar a vista do educador, mais transparente fica o problema, mais facil.

E, determinada que seja a vocação, pelo processo da observação acurada, ficará conclusa a missão difficil dos que devem encaminhar, na vida, a juventude?

Apenas iniciada é que ella está. Sómente conhece a base de suas operações.

Antes de tudo, tenha um religioso respeito pela vocação encontrada. Não tente, o impossivel de sobre ella, ou á custa d'ella, crear outra, falsa, desnaturada. Tal tentame será sempre um quasi-crime, um estranho contrasenso. Não será crear, sim destruir, contra-fazer. Sobrenadará sempre, fatalmente, o que a natureza deu. Não haverá forças capases de afogar os impulsos profundos, energicos da constituição individual.

A suggestão mais tenaz, não será mais que um artificio sempre falso, sempre condemnavel. Por isso, convicto estou de que muito maus obreiros são os que pretendem fazer alfobres de vocações temporãs.

Taes vocações de sementeira são simplesmente aberrações perigosas, boas para multiplicar deploraveis infortunios.

Donde concludo que, ir tomar a juventude á saída da meninice, colhel-a crimosamente em plena ingenuidade, de olhos vendados, e lançal-a em senda donde mais tarde não possa arripiar caminho, e assim, por via d'uma doce e felina coação moral, impulsional-a para a frente, para onde mal quizera ir, será tudo o que quizerem, mas não uma acção nobre e louvavel perante Deus ou perante a sociedade. Todavia isto, que, em cotejo com o rudimentar bom senso, dá nada menos que uma retincta imbecilidade, pratica-se em larga, tristemente larga escala.

Concordêmos. O logar dos paes e educadores não é adeante da vocação a creal-a, suggeril-a, falsifical-a, é atraz, respeitando a voz da natureza. Adeante vê-se muitas o vil egoismo travestido em amor, em cobiça, em vaidade. . .

O dever é amparal-a carinhosamente, corrigil-a, fortifical-a. Deem-se-lhe meios com que haura folego e abra azas e se remonte e suba até onde mais possa.

Tal me parece ser o mister justo dos cultores da vocação da juventude. Limitem-se a tanto e ficarão bem com a sua consciencia.

A vaidade! o interesse! a paixão! Como é doloroso vêr estas odiosas entidades envolver, em nós serpentinos, tantos juvenis espiritos e, com uma

pressão luciferina, gritar-lhes agora, logo e sempre: segue esta carreira: ganha-se muito dinheiro! segue a: é bella, figura-se, dá gloria!

Os que têm de indicar aos seus um caminho nesta vida breve, deveriam meditar na responsabilidade que ha em suggestionar ou pretender crear vocações que briguem com as respeitaveis tendencias naturaes.

P.^o Antonio Hermano.



Letras

Sermões, 1.º vol, por P. Antonio Vieira. A primeira peça das obras do grande orador.

Os « Trechos Selectos » foram como que um album de amostras offerecido, á guisa de brinde, á curiosidade litteraria. N'esses retalhos poder-se-ia palpar bem a qualidade do estofo.

Julgou-se, no acurado da edição, bom gosto da escolha e modicidade de preço, ver um reclamo a armar ao favor publico. Agradavel decepção!

O volume recém-publicado é um desmentido solemne a toda a suspeita de especulação.

Sae-nos d'uma irreprehensivel execução material; refina, é claro, nos primores do conteúdo e persiste ao alcance de todas as algibeiras — phenomeno unico no nosso meio litterario. Abre-o, á maneira de prologo, o celebre discurso do distincto antistite eborense — condigno peristilo de tão magnifico monumento.

A' prestigiosa penna do *nemo* cabe, porém, a honra da apresentação critica e biographica d'essa personalidade complexa que encheu um seculo glorificando uma nação.

Abraça o livro, trese sermões, cuidadosamente revistos e mondados dos arrebiques archaicos: transplantados para uma orthographia mais actual sem comtudo perderem o feitio classico, a maneira original do estylo.

Foi fiada esta revisão — trabalho tenaz e inglorio — d'uma intelligencia perspicaz que já se affirmou uma aptidão litteraria de raro talento, a quem o futuro fará justiça.

Haja fé na influencia tonificante d'estes escriptos sobre a oratoria sacra que actualmente ou enferma de anemia ou penetra no dominio do folhetim uzurpando a technologia romantica.

Mulheres da Beira (Contos) por Abel Botelho. Typos femininos apanhados de relance, ora flagrantes de verdade ora contrafeitos de inverosimilhança, mas sempre delineados num fundo pittoresco de paisagem beirão.

O autor, cançado e enjoado talvez de analysar as nauseabundas d'essas generadas da capital levantou a penna d'essa monotonia podre que lhe travava os vãos e saiu a espairar-se na contemplação da natureza. Ar-

tista por temperamento é levado ao culto do bello natural, apprehende-o na sua retina d'observador e traslada-o no papel com aquella exuberancia de colorido e vivacidade de traços que caracteriza o seu estylo. E faz evocar assim á imaginação do leitor o quadro descripto em todas as linhas e tons ainda os mais esbatidos.

Apraz-se ainda no derrancado gosto de estudar aberrações de mulheres, embora em escorço; comtudo essas mesmo saíram veladas como que envergonhadas de si proprias na pureza d'aquelle meio. Algumas parecem recortadas dos antigos talhes românticos, como a Eufrasia da Fritada; outras câem como um borrão de tinta na diaphaneidade d'um quadro — haja vista a cocotte da morgadinha no solar cavalheiresco de Longroiva.

O tragico desfecho da Frecha de Mizarela tem sabor melodramatico, que não quadra ao genio gaiato d'uma aldeã, que nunca leu romances.

Traça perfis acabados, como a avarenta na «Ponte de Cunhêdo», que inspira horror.

Tem paginas soberbas, descripções acabadas, narrações vividas. E' um realismo de transição. O estylo, ás vezes farfalhudo, é rico e maleavel.

O escriptor tem a sua feição litteraria affirmada — realismo crú; oxalá que d'ella renegue e jámais embeba a sua penna em tal immundicie que engulha.

Lágrimas (poemeto), por A. Gonçalves.

Lágrimas de dôr e saudade crystalisadas em poesias mystico-elegiacas. Harpeja threnos doloridos na sua lyra emquanto vibra de commoção a corda mais sentimental do seu coração. Amargas decepções provaram-no precoces, desapiedadas; uma partida brusca abalou-o na mais intima as affeições — a sua terra e os seus; desafogou-se em lágrimas que a con-olação christã estancou.

Ha ali muita alma — um trasbordamento de coração. Tem senões; milagre fôra se o poeta surgisse, como Minerva, da cabeça de Jupiter, armado de ponto em branco. Uns leves arremedos de nephelibatismo viçam aqui e além mas não ficám mal a uma penna que se estrêa. Como primicias são auspiciosas.

Antunes.

